

blimunda
the bone readers
snob
It's a
book
comer beber

3

Editorial
2018: esperança
e alegria

5

Leituras
Sara Figueiredo Costa

13

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

19

A memória na ponta
da língua
Sara Figueiredo Costa

29

The Boné Readers
Jacob Ross

39

Snob: à moda antiga
Ricardo Viel

45

A Casa da Andréa
Andréa Zamorano

52

It's art, It's a Book
Andreia Brites

69

And The winner Is...
Andreia Brites

72

Espelho Meu
Andreia Brites

78

Saramaguiana
Garcia Márquez
e José Saramago
unidos por Pamuk

86

Agenda

Desde

o número passado a *Blimunda* circula em novo formato. A alteração pretende facilitar a leitura da revista em aparelhos móveis, em especial os telefones – sem prejudicar a consulta noutros dispositivos eletrónicos. Um dos objetivos da *Blimunda* para o ano é fazer com que o acesso a cada secção seja ainda mais rápido e funcional. Ao mesmo tempo, mantém-se o compromisso permanente de procurar melhorar, tanto na parte visual como de conteúdo, o material oferecido ao leitor. O desafio de fazer uma publicação mensal, com conteúdo 100% próprio, não é pequeno. As

2018: Esperança e alegria

dificuldades são muitas, mas é com enorme orgulho que alcançamos mais uma edição de fim de ano.

Sendo o mês de dezembro, por natureza, um momento de balanços e projetos, aproveitamos o ensejo para agradecer aos leitores que nos acompanharam durante estes meses de 2017. Numa mensagem de 24 de dezembro de 1993, que integra o livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, José Saramago escreveu ao amigo Jorge Amado:

«Já se sabe que todos os dias são bons para desejar felicidades aos amigos, mas, nesta época, no limiar de um novo ano (circunstâncias que o cosmo desconhece...) apetece rodeá-los de todos os votos benéficos e de todos os abraços carinhosos. A isso vimos. Que estes e os futuros dias sejam de muita esperança e alegria».

Fazemos nossas as palavras do criador da *Blimunda*, nome de mulher e de revista, para desejar aos nossos leitores um ano de muita esperança e alegria, e que 2018 nos proporcione muitos encontros e partilhas.

Boas festas a todos!

Blimunda 67
dezembro 2017

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
Rita Pais
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa – Portugal
blimunda@josesaramago.org
www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS



Onde estamos
Where to find us
Rua dos Bacalhoeiros,
Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway
Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735,
746, 759, 774, 781,
782, 783, 794

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18h 10 am to 6 pm

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

Novo livro

Alberto Manguel e a leitura

Na Feira do Livro de Guadalajara, Alberto Manguel apresentou o seu mais recente livro, *Mientras embalo mi biblioteca. Una elegía y diez digresiones*, pretexto para uma entrevista publicada no site Cronica.com. «“Lo que hace un lector es aprender a hacer preguntas, lo que hace la literatura es enseñar a reflexionar, es por eso que ningún gobierno alienta la lectura. Los problemas de lectura son una decoración, hacer aparecer a Maradona con un libro diciendo ‘yo leo’, eso no se lo cree nadie, no tiene ningún efecto. La verdadera campaña de lectura sería la de crear docentes apasionados por la lectura, que sin ninguna orden superior comuniquen esa pasión a los jóvenes. Pero resulta muy peligroso para un gobierno y nadie lo hace”, comenta.

En su reciente ensayo, el escritor narra cómo antes de viajar a Europa, en 1969, abandonó sus libros en Argentina, en cambio los lectores que se quedaron trataban de quemar los libros en la taza de los inodoros por temor a ser señalados sospechosos y castigados. No obstante en este libro, Manguel habla de cuando los libros son guardados en cajas.

“Cuando monté por primera vez mi biblioteca completa en el año 2000, en un presbiterio antiguo que había encontrado en Francia, pensé que ése era el lugar definitivo de mis libros y que en donde estaban mis

libros, estaría yo, y que ahí moriría feliz entre todos esos volúmenes. Los lectores decidimos ciertas cosas y el azar nos indica otras. Cuando tuve que vender la casa en Francia, embalamos la biblioteca, nos mudamos a Nueva York y al poco de estar ahí me llegó el ofrecimiento de convertirme en el director de la Biblioteca Nacional de Argentina”, recuerda.»



Manuscritos e correspondência **Arquivo de García Márquez on-line**

Há dois anos, o Harry Ransom Center, da Universidade do Texas, comprou o espólio de Gabriel García Márquez. Recentemente, cerca de metade dos documentos desse espólio passou a estar disponível na internet, num site construído pelo centro universitário para o efeito. A notícia vem no *ABC*, que explica a constituição do arquivo do autor colombiano: «La colección de García Márquez incluye manuscritos originales, predominantemente en español, de diez libros suyos, junto con más de 2.000 piezas de correspondencia, borradores de su discurso de agradecimiento para el premio Nobel de 1982, más de 40 álbumes fotográficos que documentan diversos aspectos de su vida a lo largo de casi nueve décadas, las máquinas de escribir Smith Corona y los ordenadores en los cuales escribió algunas de las obras más queridas del siglo XX, álbumes con recortes de periódicos de América Latina y de todo el mundo que documentan meticulosamente su carrera como escritor. Muchos de estos materiales se incluyen como parte del archivo digital.»



Cartas

Virginia Woolf e Lytton Strachey

No *El Cultural*, José Manuel Benítez Ariza escreve sobre um volume recentemente editado em Barcelona, que reúne a correspondência mantida entre Virginia Woolf e Lytton Strachey. As cartas trocadas entre os dois escritores revelam uma profunda relação de amizade e a partilha de leituras e interesses comuns que haveriam de revelar-se nas obras de ambos. «Sin embargo, lo verdaderamente asombroso de la correspondencia que sí se conserva –y a la que, al parecer, la presente edición española restituye algunos fragmentos y alusiones que se censuraron en la edición original de la misma en 1956– es que, pese a su exigüidad y a las lagunas que presenta, puede leerse como un relato fluido de la relación entre ambos y un cumplido muestrario de los intereses que compartieron y las actitudes que cimentaron su complicidad.

Y ello sucede, quizá, porque ninguno de los corresponsales abdicó en ningún momento de su autoconciencia de escritor, de la necesidad de modular el tono justo – normalmente, de inteligente ironía entre iguales – con el que dirigirse al otro y de la exigencia de que cada una de las cartas cumpliera, además de su función práctica inmediata, otra más compleja y sutil: dejar constancia de





un mundo compartido que ambos se complacían en evocar en certeros detalles mutuamente iluminadores. De ahí que, para disfrutar esta correspondencia, apenas hagan falta las notas a pie de página: sólo las justas para aclarar alguna alusión a personajes y circunstancias que ya han perdido la actualidad que tenían en el momento en el que estas cartas se escribieron.»



Cartografia da violência **O Brasil pelos números**

Na revista *Continente*, um artigo de Daniel Lima analisa uma série de dados estatísticos que traçam um quadro da sociedade brasileira onde se destacam temas como a escravidão, os homicídios, o uso de agrotóxicos, mas também o Carnaval e o futebol. O ponto de partida é este: «Os brasileiros têm a máxima “o mais grande del mundo” – brincam os amigos argentinos. Mas em quais aspectos o Brasil é o número um? Encarar o desafio de criar relações com números e estados de coisas, partimos. Fazemos aqui um exercício cartográfico, com uma sequência que pode ser refeita conforme a intenção do leitor.



CHILE
5,9



EUA
6,0



BRASIL
26,20

Por 100.00 habitantes

Fonte. Mapa da Violência 2011 e 2012

O objetivo em ordenar tais lideranças é revelar como o nosso passado se expressa no presente e para onde caminhamos. Relacionar dados macropolíticos para uma interpretação micropolítica que afeta a todos.

Os números são assustadores. Assustam as marcas traumáticas da colonização e os reflexos da extrema violência da nossa realidade atual. Como pensar no futuro em um país com verdadeira epidemia de assassinatos? Como nos tornamos um país genocida por meio do controle exercido pelas forças policiais?» ➡

Contaminação Cancer

Tilda Markström
Mmmnnnrrrg



Assinado por uma pintora e ilustradora sueca, já falecida, *Cancer* compõe uma narrativa visual, dolorosa e comovente, sobre uma mulher que sofre de cancro da mama. A narrativa, intuímos no final do livro, é criada pela sua companheira, a própria Tilda Markström, num tom objectivo, atento aos gestos do quotidiano e profundamente dilacerado.

As primeiras imagens do livro mostram o cancro como contaminação, ameaça que começa num ponto definido e logo se espalha, tomando conta de um corpo. Estas são as composições onde Tilda parece procurar ainda alguma lógica, registando o padrão aparentemente racional do que se espalha, as veias do corpo perdendo o azul e ganhando o vermelho, a doença a instalar-se progressivamente como um vírus. Tudo é ainda localizável e, portanto, talvez se possa travar, mesmo que os fragmentos do corpo sejam cada vez mais definidos pelo mal que os domina. Depois dessa sequência inicial, o olhar ganha abrangência: é um pedaço do corpo, é um corpo apanhado em falso, agora é uma pessoa,







com os seus gestos e as suas memórias subitamente abalroadas. A mulher que deambula pela casa deixa reconhecer os seus gestos, percorre lugares conhecidos, parece mover-se ainda com esperança, mesmo que às vezes precise de abandonar o corpo ao descanso para se refazer. O padrão racional é substituído pelo vermelho a tomar conta do tempo e já não apenas do corpo – a imagem devolvida pelo espelho, o cansaço a ganhar domínio sobre os momentos e a arruinar a ilusão de domínio, um outro corpo a ser suporte num gesto de amor e ternura, mostrando que a mulher não é um corpo sozinho a enfrentar o medo, mesmo quando possa sentir-se um corpo sozinho a enfrentar o medo.

Quando o corpo da mulher desaparece da imagem, deixando apenas as roupas sobre o sofá, sabemos que chegou ao fim. E depois desse fim, três textos revelam uma história de amor subitamente interrompida pelo cancro. Num desses textos, Tilda Markström regista o fim da sua companheira e o modo como a memória se fez presença muito depois do desaparecimento. Este será um livro sobre o cancro, mas não há aqui pedagogia ou avisos sobre a saúde e o que fazer com ela. Este é, portanto, um livro sobre o amor e a morte, talvez os únicos temas que nos atormentam com eficácia desde sempre sem que nada altere a necessidade de a eles regressar. Que Tilda Markström seja um heterónimo numa constelação de autores inventados por um pintor e ilustrador português nada acrescenta à leitura de um livro tão avassalador – e tão profundamente belo – como este.



CONSTANTINOPLA

Edmondo de Amicis
Tinta da China

O mais recente volume da coleção de viagens da Tinta da China é do romancista e autor de livros de viagens italiano Edmondo de Amicis, responsável por estas quase quinhentas páginas onde a cidade de Istambul se revela em todo o seu esplendor. No prefácio, Umberto Eco diz o seguinte: «(...) quando, poucas horas depois de chegar, subi sem hesitar ao cimo da Torre de Gálata e vi a cidade à luz do pôr do sol, encontrei parte das emoções de De Amicis.» **SFC**



ORLANDO E O RINOCERONTE

Alexandra Lucas Coelho
Alfaguara

Livro de estreia da autora na literatura infantojuvenil, é o primeiro de uma coleção que tem um rapaz, Orlando, como protagonista. Tomando partido de uma geografia global, um postal de um rinoceronte enviado da Rússia ganha lugar de destaque na ação. A curiosidade do menino sobre o bicho leva à consultoria dedicada do tio, antropólogo no Brasil, que à distância o guia pela História sem adornos delicados. A fantasia chega com o sonho mas não está sozinha. O maior pesadelo chama-se Cláudia, é bem real e provoca no mínimo um sorriso ao leitor. **AB**



NACIONALISMO

Rabindranath Tagore
Livros de Bordo

Aqui se reúne um conjunto de palestras que o autor deu no Japão e nos Estados Unidos da América, em 1916 e 1917. Tagore utiliza a sua visão crítica e muito cautelosa sobre o nacionalismo indiano para refletir sobre as ameaças de um certo conceito de nação e os efeitos que isso poderia causar no Japão e no Ocidente, defendendo uma aproximação entre Oriente e Ocidente como forma de assegurar um futuro pacífico e assente na liberdade democrática. **SFC**



MARQUESA DE ALORNA. QUERIDA LEONOR

Luísa V. de Paiva Boléo
e André Carrilho
Pato Lógico / IN

O recente volume da coleção de biografias de figuras relevantes da História portuguesa dedica-se a relatar sucintamente a preenchida vida de Leonor, a Marquesa de Alorna, neta de Távoras, encarcerada por isso num convento durante dezoito anos, que se revela uma das mulheres mais interessantes da sua época, cosmopolita, artista, culta, emancipada. Sobre tudo isto traça a autora a cronologia possível, cuidada, escorreita e clara, chamando a atenção para factos que levam o leitor a querer saber muito mais. **AB**



DESENHO LIVRE

Andrés Sandoval
Planeta Tangerina

É um livro para desenhar. Nas primeiras páginas pode pensar-se que é apenas um livro de colorir. Mas não é. É um livro que revela informação sobre cores, pigmentos, formas, linhas e até processos. Tudo através de induções, desafios e páginas com traços, desenhos, hipóteses de histórias. O convite à participação não é de todo pacífico porque obriga o leitor a questionar a sua intervenção, não apenas da sua necessidade como o modo em que o vai fazer. **AB**



VERDADE TROPICAL

Caetano Veloso
Companhia das Letras

Nova edição de um livro fundamental para conhecer a vida e a obra de Caetano Veloso, mas também a constelação de amizades, referências e descobertas que cimentaram o Tropicalismo e estiveram na origem de alguns discos fundamentais do século XX. Nesta nova edição, vinte anos depois da primeira, inclui-se um capítulo atual, onde o músico escreve sobre os meses mais recentes no Brasil e a necessidade de uma reflexão política que passe, também, pela intervenção cidadã. **SFC**



PARA UN DIOS DIURNO

Alejandro Krawietz
Idea

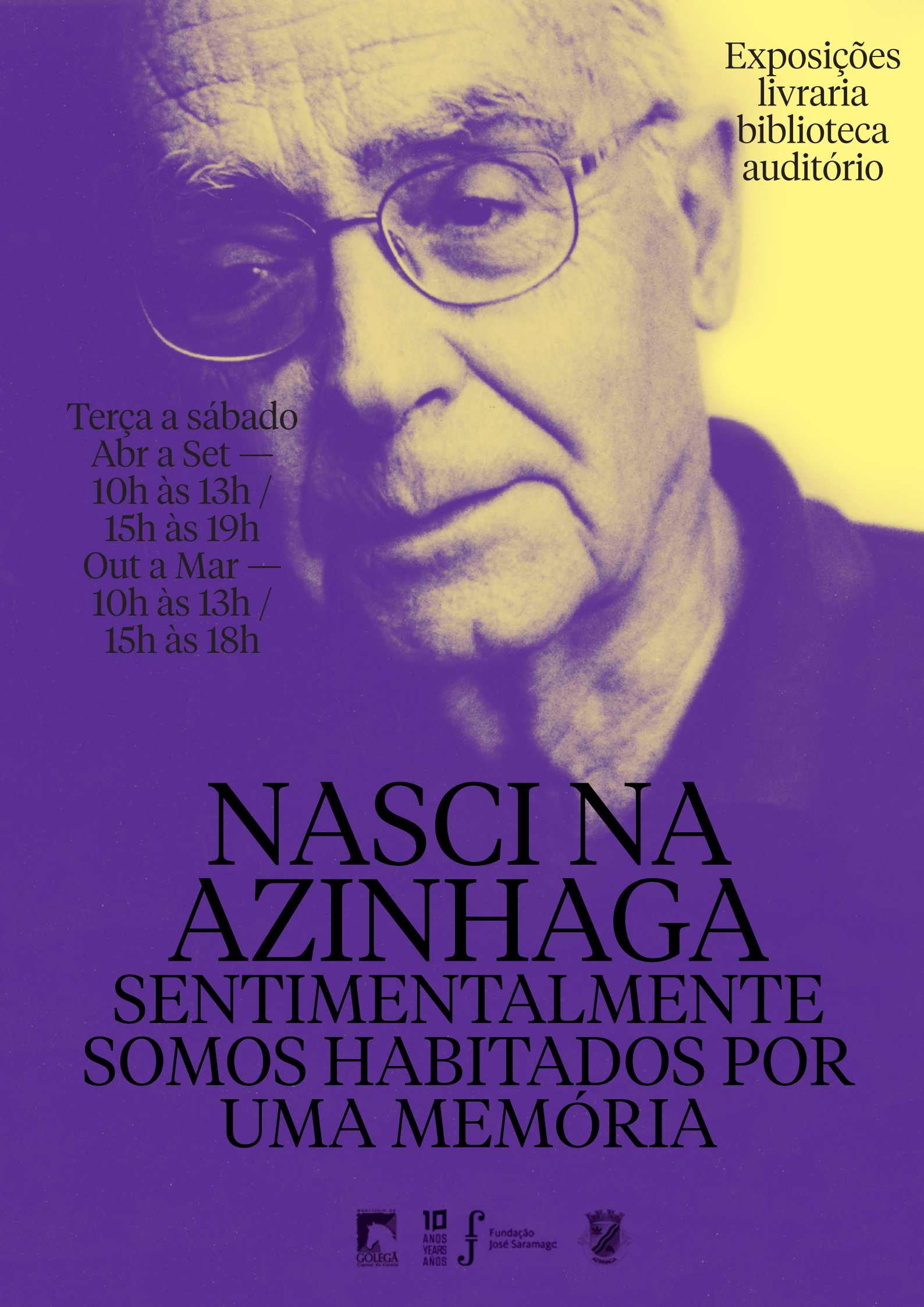
Antologia do poeta de Tenerife que iniciou o seu percurso editorial com a coautoria de uma antologia essencial para a nova poesia espanhola do início deste século, *La otra joven poesía española*, uma escolha que revelava já caminhos menos óbvios no modo de encarar o labor poético. Agora, reúnem-se num mesmo volume os seus livros publicados entre 1994 e 2014, precisamente os anos em que novas vozes se afirmaram na constelação poética de Espanha. **SFC**



FANNY OWEN **Agustina Bessa-Luís** **Relógio d'Água**

A Relógio d'Água prossegue a reedição da obra de Agustina Bessa-Luís e coloca agora nas livrarias este *Fanny Owen*, romance onde a decadência de uma certa burguesia portuense se cruza com a presença de Camilo Castelo Branco como personagem. No prefácio, Hélia Correia escreve: «Não significa que este livro não arda. O que acontece dentro é um desses fenómenos cuja potência afunda um continente ou levanta das cinzas uma ilha. Pois nele se realiza aquele encontro, proibido pelas leis do devir físico, entre Camilo Castelo Branco e Agustina.»

SFC



Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



a memó
ria na
ponta
da
lín
gua

Sara
Figueiredo
Costa

a memória na ponta da língua

Depois da série *As Aventuras de Dog Mendonça e Pizzaboy* e de *Os Vampiros*, a dupla Filipe Melo e Juan Cavia regressa à banda desenhada com um livro que podia ser sobre os prazeres de comer e beber, mas que é, na verdade, sobre a memória – onde também cabem esses mesmos prazeres. O modo como os sabores, certos sabores, parecem ser um gatilho para qualquer coisa que, no cérebro, traz para o presente momentos passados atravessa este *Comer Beber*, um volume de pequeno formato que reúne duas histórias breves, cada uma com o seu elemento ingerível no centro da narrativa.





A garrafa de champanhe

O livro abre com «Majovski», narrativa baseada numa história real que chegou aos ouvidos do argumentista, Filipe Melo, através de uma amiga, Nádia Schilling. No diário da mãe de Nádia, Beatrice Schilling, guardava-se um episódio passado com o seu avô, dono de um restaurante em Berlim na altura da II Guerra. É no cofre desse restaurante que se guarda uma garrafa de champanhe, a mesma que há de sobreviver à guerra e regressar às mãos do seu guardião, Franz Majovski, como uma espécie de vitória possível contra o mal. Em conversa com a *Blimunda*, Filipe Melo conta como descobriu esse episódio, uma memória guardada pela família da sua amiga, e decidiu usá-lo numa banda desenhada: «Foi uma história linda, que, ironicamente, foi publicada no sítio mais fútil do mundo – o Facebook. Li-a num post e passei as semanas seguintes a chatear a Nádia para que me deixasse roubar aquela história. Felizmente, confiou em mim, e respeita muito o trabalho do Cavia. Foi tudo fácil, ela acompanhou a escrita e o desenho nas várias fases e foi fundamental para a pesquisa. Acho a história original maravilhosa, porque se passa num dos maiores conflitos da humanidade, mas concentra-se nos conflitos internos de uma pessoa. Ajudou-me a perceber melhor o tipo de histórias que quero contar no futuro.»

a memória na ponta da língua

A história de Franz Majovski, um polaco que se muda para Berlim com a mulher e a filha nos anos 30 do século passado, abrindo um restaurante que se tornará no mais elegante estabelecimento da avenida Kurfürstendamm, é uma história de esperança no meio da catástrofe. Obrigado a servir bebidas aos oficiais nazis, Majovski consegue passar incólume graças ao bom nome do estabelecimento, mas igualmente pela sua resiliência, que o faz tratar de modo neutro qualquer cliente enquanto pragueja em polaco contra os oficiais alemães. É essa resiliência que o leva a esconder uma garrafa de champanhe no cofre do restaurante, uma espécie de garantia de que a guerra chegará ao fim e de que os nazis não de perdê-la. Juan Cavia capta tudo isso num traço onde as fisionomias, severas mas muito expressivas, conferem à narrativa uma densidade psicológica capaz de transformar um episódio que terá sido uma pequena gota por entre as infinitas histórias pessoais vividas nessa época atribulada num momento de viragem. Como se a garrafa de champanhe cuidadosamente guardada por Majovski pudesse ter sido a garantia da derrota dos nazis, a certeza de que, por entre os escombros, as pessoas haveriam de refazer a sua vida. E brindariam a isso.

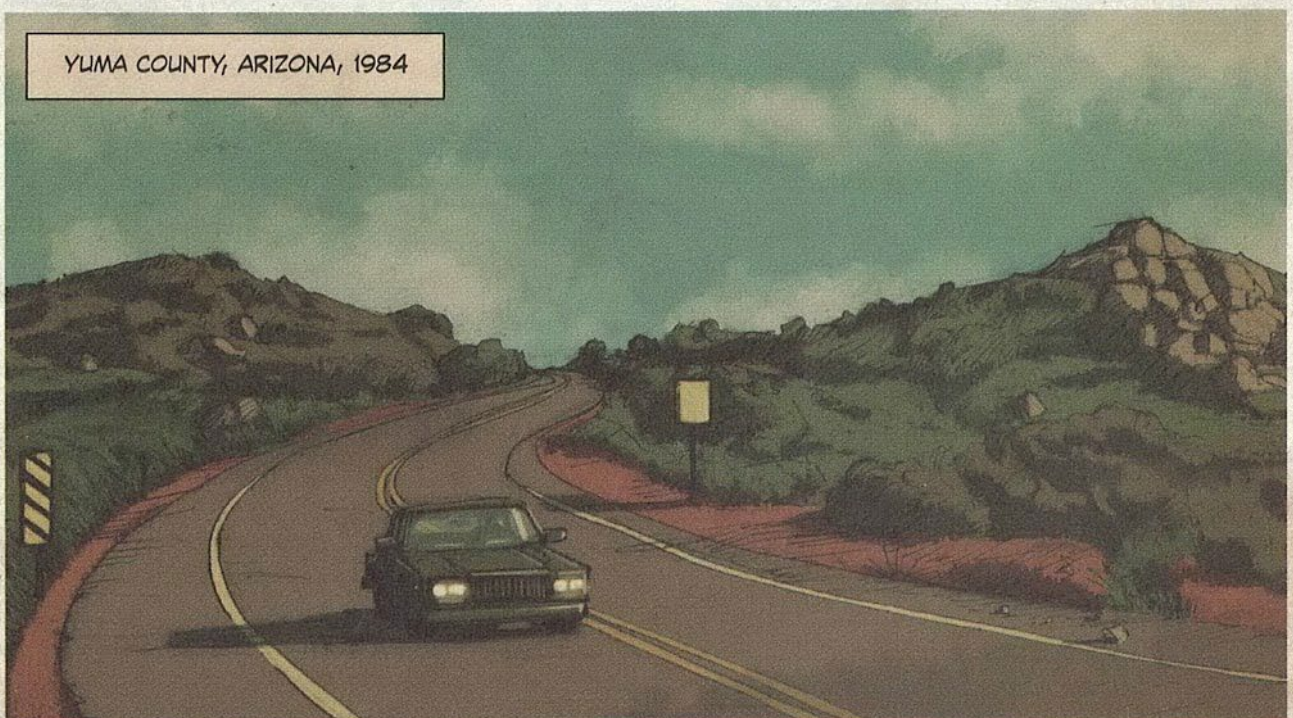
A importância do cinema

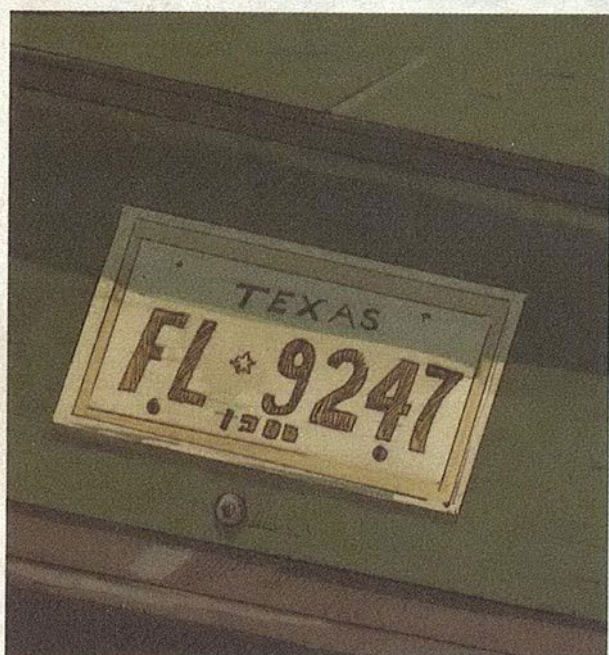
A segunda história do livro, «Sleepwalk», não é inédita. O último número da edição portuguesa da revista *Granta*, dedicado precisamente à comida e à bebida, já a havia publicado, inaugurando a presença da banda desenhada nas páginas da revista literária. Nessa história, um homem atravessa as longas estradas dos Estados Unidos da América em busca de uma mulher, supostamente a autora da melhor tarte de maçã alguma vez cozinhada. O avançar da narrativa desvendará a identidade das personagens, da cozinheira ao homem que a procura, construindo a trama à medida que vamos acedendo à sequência de imagens. E aqui se percebe a importância do cinema no trabalho dos dois autores, com uma *mise-en-pâge* que é toda ela um reflexo dos grandes *roadmovies* norte-americanos, pontuados pelas grandes distâncias percorridas com as rodas sobre o alcatrão e pelos cafés de



... E VAMOS SEGUIR COM
O CLÁSSICO *CRYING*,
DE ROY ORBISON. ESTÃO
A OLHAR A *KAWC*, 88.9 FM,
YUMA COUNTY, ARIZONA,
COM MARK REYNOLDS.

YUMA COUNTY, ARIZONA, 1984







a memória na ponta da língua

beira de estrada, lugares que humanizam a paisagem e quebram a solidão de quem a percorre. Filipe Melo assume a influência, reconhecido: «Este livro é o primeiro guião que escrevi a pensar originalmente para banda desenhada. Todos os outros projetos surgiram de guiões que escrevi para filmes que nunca consegui concretizar. A história «Sleepwalk» surgiu de uma forma quase mágica, algo raro e que me traz grande felicidade. Só faria sentido na América – quem a ler saberá porquê. Temos o imaginário povoado por histórias do interior da América, e esta foi a nossa tentativa de expressar o meu amor por esse legado – com as devias distâncias, quis visitar a América que eu tanto gosto dos filmes – *Paris, Texas, Uma História Simples, Five Easy Pieces...* E, mais recentemente, os filmes do Jeff Nichols e o *Lucky*, que vimos ontem e adorámos.» Juan Cavia, que trabalha na indústria cinematográfica, corrobora: «No meu caso, o cinema é a minha profissão, a minha ligação mais concreta com as artes e a expressão, por isso tenho uma ligação intrínseca, mesmo que não queira. De qualquer modo, não é algo que renegue, o que faço é apropriar-me disso e usá-lo como mais uma ferramenta.»

Champanhe e tarte de maçã

Comer Beber coloca essas duas ações no centro de um dos mais poderosos mecanismos da nossa identidade individual, a memória, conjugando-lhe alguns caminhos possíveis nesse movimento imparável de nos encontrarmos e de irmos encontrando os outros. Como explica Filipe Melo, «todo o mote deste livro partiu dessa relação da comida ou da bebida com memórias e afetos. Falávamos muitas vezes da cena final do filme *Ratatouille*, que nos parece brilhante – em que o crítico Anton Ego volta a ser criança por momentos quando prova um prato que comia quando era pequenino. Pessoalmente, sempre foi muito mais próxima para mim a relação música-memória do que qualquer outra. O mais próximo que tenho é isto: durante décadas, ia sempre ao mesmo restaurante aos sábados, o La Campania, na [Rua] Artilharia 1, com a família. Pedia sempre o mesmo prato – esparguete à bolonhesa. Custou-me, mas deixei de o comer há uns anos, quando deixei

a memória na ponta da língua

de comer carne. Tenho, no entanto, a certeza de que se o provasse reviveria uma série de memórias, de momentos. O livro é sobre isso.»

No capítulo reservado aos Extras, inclui-se uma receita de tarte de maçã que, não sendo a da personagem de «Sleepwalk», é a da mãe de Filipe Melo, «que a aprendeu com a sua mãe, que por sua vez a aprendeu com a sua, e assim sucessivamente», como se lê. De certo modo, a partilha desta receita concretiza o mesmo gesto das duas histórias de *Comer Beber*, o de dar aos leitores a possibilidade de guardarem estas memórias na sua própria, não como se tivessem vivido o que aqui se narra, mas da mesma maneira como tantas vezes incorporamos naquilo que somos memórias que sabemos não serem nossas. Mesmo Juan Cavia, que nos confessa não sentir um grande interesse por comida ou bebida, ao contrário do que vê acontecer com tanta gente, assume a força que ambas as coisas podem ter na construção da memória: «Indubitavelmente, tenho ligações emocionais a ambas as coisas [comida e bebida], sabores que fazem disparar recordações, tanto boas como más. Não me considero uma pessoa muito apegada ao passado em termos concretos, com fotografias, vídeos ou objetos com história, mas é verdade que tenho uma inclinação particular pelas evocações que outras coisas podem gerar e a comida e a bebida são, sem dúvida, dois dos gatilhos mais diretos desse tipo de evocações.»

Entre Buenos Aires e Lisboa

A dupla Filipe Melo e Juan Cavia trabalha em conjunto desde a criação do primeiro volume de *As Aventuras de Dog Mendonça e Pizzaboy*, publicado pela Tinta da China em 2010. Entre a Argentina de Cavia e a Lisboa de Melo, os autores encontram-se com frequência ao vivo, mas utilizam a internet para desenvolverem o seu trabalho à distância e discutem muito, como nos conta Juan Cavia: «Ainda que cada um tenha a sua parte do trabalho bem diferenciada, como acontece com a maioria das parcerias argumentista/desenhador, no nosso caso há alguns momentos em que ambas as profissões se cruzam com o objetivo de alcançar uma melhor obra de conjunto. Então,

a memória na ponta da língua

há três momentos fundamentais do trabalho em equipa, que são a adaptação do argumento aos primeiros esboços, o desenho das personagens e uma última revisão do material, da cor aos diálogos. Este processo traz, logicamente, grandes discussões e contratempos, mas sempre em função de melhorar a qualidade, e é por isso que tarde ou cedo acabamos por chegar a bom porto.»

A revista e o livro

Comer Beber nasce de um convite da revista *Granta*, mas, como conta Carlos Vaz Marques (editor da revista) no prefácio ao livro, nasce também de um atraso: «Infelizmente/Felizmente (riscar o que não interessa), Juan Cavia e Filipe Melo não puderam completar as duas histórias a tempo de serem publicadas na *Granta*. O artesanato minucioso de cada desenho é incompatível com a pressa de um editor obrigado a cumprir os prazos da gráfica, os prazos de distribuição e os prazos do respeito pelos assinantes da revista.» Não tivesse sido assim e não teríamos agora este quase livro de bolso, formato tão pouco comum na banda desenhada e tão adequado a estas histórias curtas sobre a memória e o modo como nela crescemos. Filipe Melo acrescenta ao que vem escrito no prefácio a questão do espaço, já que a publicação das duas histórias na revista teria dominado toda a edição: «Os dois contos pareceram-nos dois capítulos de uma mesma história, apesar de separados por um oceano (entre Berlim e os EUA) e por quarenta anos de diferença. Inicialmente, tentámos convencer o pobre Carlos Vaz Marques a meter mais de 60 páginas de banda desenhada na nona edição da revista. No entanto, como o tempo viria a provar, isto não fazia sentido, iríamos monopolizar a revista e teríamos de conseguir acabar as coisas a tempo, coisa que raramente conseguimos fazer. E assim foi. No dia em que o Carlos Vaz Marques disse: «Ok, metemos os dois capítulos na *Granta*», nós respondemos – «não, não. vamos meter um e lançar um lindo livro a seguir». Se é lindo ou não, não sei, mas tentámos tudo para que fosse.» O livro já por aí circula, à espera que os leitores confirmem ou desmintam a adjetivação.

the bones read ers

**jacob
ross**

the bone readers

No dia 7 de novembro o auditório da Fundação José Saramago acolheu uma conversa entre Peter Kalu e Jacob Ross, duas vozes do género policial na literatura britânica. O encontro estava inserido numa série de atividades organizadas pela Speaking Volumes, organização que trabalha para que autores e autoras negros, asiáticos e de outras minorias étnicas, tenham mais visibilidade no universo da literatura em língua inglesa. Entre o trabalho que desenvolvem está a publicação do catálogo *Breaking Ground: Celebrating Writers of Colour* e esses debates, em vários países, para promover a literatura britânica plural. No seu número anterior a *Blimunda* publicou um capítulo de *Little Jack Horner*, de Peter Kalu. Este mês é a vez de um capítulo de *The Bone Readers*, de Jacob Ross. Ambos os textos foram traduzidos pela jornalista Carla Fernandes a pedido da Speaking Volumes com o intuito de dar a conhecer essas duas vozes da literatura britânica não branca.

Capítulo 1

Os Leitores de ossos

Deixei a escola sem trabalho e com resultados de exames que os meus professores disseram que me poderiam levar a qualquer universidade, em qualquer lugar do mundo. Se eu tivesse dinheiro.

Eu mencionei os custos ao meu pai e ele riu-se. Os gerentes dos bancos aos quais fui não se riram – pelo menos não na minha cara. Perguntaram-me por capital próprio e depois pelo meu nome de família. Dei-lhes o da minha mãe. Eles referiram o quão generosos tinham sido por me terem dado o seu tempo, depois acenaram para a porta com a cabeça.

Fui para o sul até às terras secas onde estavam os hotéis. Durante duas épocas turísticas, estiquei os lábios para trás e mostrei os dentes, servi bebidas com os pés descalços, de camisa sintética com um padrão de arco-íris, chapéu de palha e calças com as quais nenhum homem de Camaho seria visto morto fora do Beach Bum Bar. Depois, um touro velho e meio bêbado da Alemanha, vermelho como uma lagosta no churrasco, fechou a mão em torno da minha virilha e eu dei-lhe um murro na cara.

O inglês, dono do local, aproximou-se de mim e exigiu que eu pedisse desculpas, senão demitia-me sem salário. Disse-lhe que mexesse o cu dali e pus-me a andar.

Andei pela calçada de San Andrews a olhar para os turistas, os carros bonitos, as funcionárias de escritório a andar sobre saltos que elevavam os seus traseiros quase ao nível dos ouvidos, e jovens rapazes a arrastar pernas arqueadas em calças sem cintura com bonés de rappers e a falar com um sotaque americano inventado. Observei, especialmente, os rostos brilhantes e abertos dos meninos em uniforme escolar a ir para casa, todas as tardes, ao encontro dos pais, que algum dia se poderão rir deles. Não duvidava que

eles acabassem como eu com os ombros a apoiar-se a uma vitrine de loja em San Andrews.

Depois, numa quarta-feira à tarde, aconteceu mesmo à minha frente: um amontoado de jovens rapazes a discutir sobre algo. Não lhes prestei muita atenção. Eles eram ratos de porão que ganhavam a vida a mendigar dinheiro aos turistas. Quando não havia cruzeiros, eles andavam pela cidade a puxar as saias das meninas de escola e a esfregar a sua pélvis contra elas. Muitos pais esperavam em frente aos portões da escola e acompanhavam as filhas a casa.

Uma única voz de protesto ergueu-se entre eles, aguda e desesperada. Cabeças viraram-se, seguidas de um padrão de passos a aproximar-se rapidamente. As pessoas do mercado adoravam uma briga. Vozes exaltadas vinham do amontoado de hooligans. Eu ouvi a palavra «respeito», depois «foda-se», depois «fodido», depois «fodilhão», depois um baque como um punho a afundar-se numa almofada. Um suspiro, seguido de uma rápida dispersão de pés enquanto os rapazes debandavam, ajustavam os capuzes sobre as cabeças e fugiam dali.

Um rapaz estava deitado no passeio com o mesmo uniforme que eu usei na escola durante sete anos. Estava deitado de lado, o braço direito enrolado à frente do estômago; o outro, dobrado no cotovelo, estava debaixo da cabeça como se estivesse a dormir.

Eu segui o gotejar vermelho que se infiltrava debaixo da sua mão, e a mudança abrupta de curso quando se encontrou com a inclinação invisível da sarjeta de concreto e fluiu para dentro dela. Eu pensei que conhecia o rapaz. Senti que deveria conhecê-lo.

Uma funcionária de escritório com um coque apertado e alto de cabelo indiano caro, unhas a brilhar ao sol, levou o telefone ao ouvido, o braço dela fez uma curva delicada e elegante mesmo antes de ela falar. Eu observei os seus lábios avermelhados a mexer-se.

Atravessei a estrada, ajoelhei-me e toquei a testa do rapaz. Levantei-me, ignorando o choque em todos os rostos fixos em mim. Eles estavam

a ler-me, eu sabia, a estudar a minha expressão, à espera talvez do uivo que confirmasse que esse rapaz morto fosse um familiar.

Não fiz nada disso. Eu debrucei-me simplesmente sobre ele.

Quando os polícias chegaram, atacaram-me. O mais robusto bateu com as minhas costas contra a parede, encostou um joelho ao meu estômago e pressionou o cotovelo contra a minha garganta. Engasguei-me e fixei os seus olhos. Ele não gostou disso. Atirou-me contra o chão, deixou cair o seu peso na minha coluna vertebral, depois arrastou-me as mãos para trás das costas e algemou-me.

Chegou um carro pequeno. Parou no meio da estrada. Saiu uma aparição: uma cabeça de cabelo branco; olhos como dois botões de carvão flamejante; lábios que ficariam perfeitos numa bolsa de couro curtido.

O Cabelo Branco gritou algo. As palavras saíram dele como cascalho de um ralador.

O peso saiu das minhas costas. Puseram-me de pé, as algemas foram removidas. Mãos ásperas empurraram-me para o pequeno carro.

Durante esse tempo, as pessoas estavam a protestar contra a minha detenção. Todas mulheres. Os homens permaneceram em silêncio. Eles estavam, sem dúvida, menos interessados no meu destino do que na forma como a injustiça toma o seu curso. Dava uma melhor conversa de tasca.

Levaram-me para um antigo edifício de tijolos nas traseiras do terminal de autocarros, que ficava sobre o mar. Acima da entrada em letras grandes brancas: Esquadra da Polícia de San Andrews. No interior, senti o leve cheiro de alcatrão das escunas da ilha atracadas no cais. Salas separadas recuavam até ao final do prédio. Delas vinha o barulho de papel e, ocasionalmente, o som grave de vozes masculinas. Lá fora, as explosões de buzinas, os tons altos e baixos das vozes das mulheres do mercado, o zurrar penetrante do vendedor de coco a quem chamávamos o homem-coco.

No meio do trovejar de veículos que chegavam ao pátio de concreto, o Cabelo Branco sentou-me numa cadeira perto de uma mesa desarrumada. Espetou-me uma sandes para a mão e um copo de sumo de laranja. Baixou-

the bone readers

-se à minha frente e cravou um dedo no seu peito. «Detetive superintendente Chilman. Você?»

«Digger [Escavador].»

«Esse é o nome que está na sua certidão de nascimento?»

«Michael Digson».

«Quanto tempo esteve lá?»

«Lá onde?»

«Na rua.»

«Eu tenho uma casa».

«Quanto tempo?»

«Dezoito meses três dias».

«Tem estado a contar?»

«Ah-hah».

«Porquê?»

«Para manter a minha sanidade».

Ele olhou-me nos olhos. «Ainda a tem?»

«Você não tem motivos para me prender».

«Calma, meu jovem, você não está preso. Agora fale comigo. O que aconteceu?»

Afastei a sandes e dei um golo no sumo. «Macacos a exigir respeito dos humanos», disse. «Eles mataram o humano».

O detetive superintendente Chilman inclinou-se para a frente e entre-cerrou os olhos como se estivesse a examinar uma mancha no meu olho. «Você está chateado. Isso é bom. Poderia indicar quem são eles?»

«Eles esconderam os rostos desde o início, antes da discussão. É óbvio que eles planearam isso.

Chilman esfregou o queixo e olhou para o teto. «Certo», disse ele, levantando-se. «Venha comigo.» Parou na porta e ergueu a voz. «Ok, pessoal, tragam-nos para fora.»

Vinte e três rapazes – todos com capuzes de rapper sem cobrir as cabeças – saíram de três carrinhas para o pátio. Alguns pareciam nervosos,

alguns com raiva, a maioria relaxada. Uns poucos estavam tão aterrorizados que mal podiam andar. Um par deles não deixou a atitude de macaco.

Os oficiais alinharam-nos contra a parede do prédio.

O Chilman cutucou-me. «Reconhece algum?»

Eu abanei a cabeça.

«Vamos tentar outra coisa então».

À sua ordem, os oficiais de Chilman colocaram os capuzes sobre a cabeça dos jovens e ordenaram-lhes que corressem pelo quintal.

Chilman olhou para mim. «Alguma coisa?»

Alguns dos jovens lançaram olhares ameaçadores na minha direção. Endireitei os ombros e olhei-os de volta.

«Faça com que eles conversem», disse eu. «Deixe cada um deles dizer algo».

Um agente resmungou e fez um som com os dentes – o mesmo que me tinha jogado contra o chão.

O Chilman inclinou-se sobre o meu rosto. Senti um cheiro a rum. Escute, jovem, eu faço com que aqueles filhos da mãe ali deem o salto mortal e andem num dedo se for preciso, porque eu quero um resultado, entende? Eu quero um resultado agora. Então não brinque comigo. Se é isso que você está a fazer.

Por debaixo daquele rosto velho e cansado, ele estava a ferver. Estava tão furioso que eu senti-me a afastar-me dele. Nunca vi tanta raiva num outro ser humano.

Ainda assim, quando se virou para se dirigir aos jovens, o seu tom era conversacional. «Eu vejo as coisas da seguinte forma, cavalheiros. Eu poderia deixar todos vocês saírem daqui impunes. Poderia fazer isso agora e virar as costas. Mas nenhum de vocês vai chegar longe. As pessoas lá fora sabem quem foi preso. É por isso que eu ordeno que estes agentes vos metam a todos juntos na praça do mercado para que toda a maldita cidade consiga olhar bem para todos os vossos rostos. Tenho a certeza de que as notícias já chegaram aos irmãos e aos tios e aos primos. Eles não sabem qual de vocês

acabou de assassinar o seu pequeno. Eles não vão querer saber. Tudo o que eles vão querer é sangue. O vosso sangue! Tanto quanto eles conseguirem até ficarem satisfeitos. Eles vão atrás de cada um de vocês. O meu trabalho é evitar isso. Então... um por um, digam os vossos nomes e onde vocês moram exatamente. Jovem, está pronto?»

Acenei com a cabeça e apertei as costas contra o carro branco velho. Fechei os olhos enquanto os rapazes gritavam os seus nomes e coordenadas. Revivi o calor da tarde, o som dos veículos que se aproximavam e o pesado cheiro a fruta e terra do mercado; o tom quente das palavras, o timbre exato e as inflexões das vozes. Eu tenho esse tipo de memória.

Identifiquei cada um deles. Oito. Faltava um.

Depois foi fácil. Eles traíram-se apontando uns para os outros.

Quando acabou, os olhos quentes de Chilman estavam sobre o meu rosto. O velho camarada estava a sorrir. Apontou para a sandes. «Eu sei que está com fome. Coma.»

Ele baixou a voz, os olhos ainda a sondar. «Já tinha sido preso ou acusado de alguma coisa, antes do dia de hoje?»

Ele deve ter visto a irritação na minha cara. «Desculpe, jovem, tenho que fazer estas perguntas.»

Levantei-me para sair.

Ele sacou uma mão rígida. «Você não se vai embora agora».

O detetive superintendente Chilman levou-me de volta para o escritório e sentou-me numa cadeira, no canto mais próximo da porta. Agentes em roupas lisas atravessavam o piso de madeira desigual. De vez em quando, um deles parava e encostava a boca ao ouvido de Chilman. Os lábios dos velhos homens mal se moveram quando ele respondeu. Tudo o que eu podia ouvir era o chocalhar gutural da sua voz.

Ocasionalmente apanhava-o a olhar para mim – um olhar de fogo firme. Eu fingi não notar. Ele disse algo a uma mulher idosa que estava sentada no meio da sala debaixo de um ventilador de teto grande e branco. Duas raparigas em cadeiras giratórias, em ambos os lados da sua secretária, esta-

vam a agrafer papéis e a colocá-los em pastas de cor verde-clara. Quando o velho se endireitou, os olhos da mulher acolheram-me brevemente, depois escaparam-se. Por causa desse olhar, senti os batimentos cardíacos acelerar. Ela tinha um rosto distante, quase sonhador, de cabelos grossos e de carvão preto varridos para trás em um coque com uma única raia de branco seguindo a curva da cabeça ao longo da linha da sua testa.

O Chilman veio ter comigo. «Quer saber uma coisa?»

«Saber o quê?», disse eu.

«O nome do rapazinho é Ryan Weekes. A mãe dele trabalha que se farta no centro de processamento de noz-moscada da freguesia de St. John para lhe dar uma educação. Filho único – percebe o que isso significa?

Eu levantei-me. «Terminou o que tinha a fazer comigo?»

«Está a dizer-me que isso não lhe interessa?»

«Eu não tenho nada a ver com isso.» Levantei a voz. O escritório ficou em silêncio. As cabeças giraram lentamente na minha direção. Rostos sem expressão.

Chilman mostrou-me uma fileira de dentes amarelos. «Eu não vejo as coisas dessa maneira, meu jovem: você estava lá, como todos os outros cidadãos que ficam espedados como idiotas no meio da estrada do governo e observam oito ovelhas de couro duro a carregar numa pequena criança e a assassiná-la. Isso faz de você uma testemunha. Pelo menos! Primeiro! Eu poderia fazer pior. Eu poderia dizer que você estava a mexer no corpo quando chegámos lá. Isso é adulteração de provas. E se isso não pegar, eu poderia apanhar-te por vadiar. «Ele deu-me uma palmada no braço e piscou o olho. «Eu vou deixá-lo ir para casa, mas não antes de me dizer onde mora».

«Népia».

A sua testa retraiu-se repentinamente. O velho levantou a mão e enrolou um dedo. Um jovem agente com uma camisa branca crocante e calças impossivelmente passadas a ferro levantou-se da sua mesa no canto mais distante da sala e caminhou até ele. Tinha os olhos mais sombrios que eu já tinha visto e um rosto tenso e antipático. Os nossos olhos encontraram-se, as narinas dele dispararam e alguma coisa nele ficou rígida.

the bone readers

«Agente Malan, este é o Michael Digson. O jovem recusou-se a cooperar. Quero que algeme o cavalheiro e o escolte pelo mercado de San Andrews ao sol quente. Quero que leve o seu tempo para que todos o possam ver a marchar com esse filho da mãe pela cidade.»

O agente Malan deu-me um olhar longo e sombrio. Endireitei os ombros e recebi o seu olhar.

«Sem problemas», disse ele, abriu a sua gaveta e endireitou-se com um par de algemas nas mãos.

Eu caí novamente na cadeira e disse a Chilman onde morava.

«Obrigado, meu senhor! Agora pode ir.»

Marchei pela porta, os meus ouvidos a queimar com os risos das pessoas no escritório de Chilman. A sua voz – grossa como sal de pedra – seguiu-me até lá fora. «Não tente fugir. Eu não terminei a conversa consigo. Está a ouvir-me?»

sn

o

um livreiro à moda



antiga

Ricardo Viel Fotografia Vitorino Coragem

«Fala com o Duarte Snob, se calhar ele consegue arranjar-te isso».

É bem possível que o leitor escute esta frase caso esteja em Portugal à procura de um livro daqueles difíceis de serem encontrados nas livrarias tradicionais. Aos 32 anos, dez deles dedicados ao ofício de livreiro, Duarte Pereira já construiu certa fama e reconhecimento no universo dos «livros não óbvios» — obras editadas por pequenos selos, títulos esgotados que nunca foram reeditados, publicações que escapam ao interesse do grande público, etc.

O apelido Snob vem da livraria criada em 2013 (a Snob) com a Emília Araújo, e o seu gosto por ler e conversar sobre literatura que lhe proporcionaram uma rede de amigos e conhecidos espalhados pelo país. Além do prestígio como «achador» de obras raras ele também é conhecido como um bom recomendador de leituras. É frequente que faça — virtual ou pessoalmente — sugestões de títulos. «O que costumo fazer é falar um pouco com a pessoa, saber o que ela já leu e gostou, perceber se ela quer arriscar um pouco ou prefere manter-se na sua zona de conforto, e depois recomendo».

Nascido em Guimarães, Duarte estreou nesse ramo em 2008 na livraria Centésima Página. Trabalhou ainda em uma editora e depois na FNAC, onde esteve vários anos e aprendeu muito sobre o funcionamento do mercado antes de abrir a sua própria livraria. «Com a FNAC não se compete, é outra dinâmica. Enquanto lá trabalhei fui me apercebendo que havia várias lacunas que as grandes cadeias não estavam a cobrir.» E foi com o intuito de trabalhar nesse outro mundo que ele e a Emília Araújo começaram, em Guimarães, com o seu espaço. «Acho que uma livraria pequena só pode sobreviver nesse mundo bárbaro criando comunidades. Quando abrimos, o lugar era uma livraria e cafetaria, até porque as pessoas não podem comprar um livro todos os dias mas podem beber um café, e vir falar conosco, e ver os livros», explica.

Os bestsellers da Snob são muito particulares, um fenómeno que dificilmente se replica, explica. «O nosso livro mais vendido de sempre é um ensaio da Silvina Rodrigues Lopes chamado *Literatura, Defesa do Atrito*. Acho que vendemos um terço da edição desse livro». Embora seja conhecido por atuar com um segmento menos popular de livros, Duarte diz que trabalha com todos os grupos editoriais. «A diferença é que somos nós que fazemos a escolha do que queremos na nossa livraria. Não nos mandam as novidades, não alugamos espaço nem montras, tudo o que temos cá é escolha nossa. Claro que há editoras com as quais trabalhamos com mais frequência e até em muitos casos conseguimos chegar diretamente ao editor, cria-se uma relação de confiança, uma lealdade, e trabalhar sem ter a barreira da distribuidora.»

Em todo lado, em lado nenhum

Em 2016 o livreiro tomou a decisão de fechar o espaço em Guimarães, associar-se a uns amigos para que a livraria funcionasse de outra maneira (no projeto Almanaque 23), e mudar-se para Lisboa. «Decidi fechar porque fiquei sozinho, a minha sócia saiu, e percebi que a livraria precisava de mais mobilidade. Com o tempo, as pessoas, ao conhecerem o nosso trabalho, passaram a nos convidar para eventos, feiras, festivais, e fiquei sozinho. Ou fechava a livraria para ir a um festival ou recusava o convite. Foi um passo difícil mas foi necessário. A mudança possibilitou que a livraria estivesse em

«Acho que uma livraria pequena só pode sobreviver nesse

mundo bárba- ro criando co- munidades»»

mais de um lugar ao mesmo tempo, em várias feiras literárias e associados a vários coletivos. «A Snob não existe em lado nenhum, está é associada a vários projetos. É a livraria que está por trás da livraria da Cossoul, em Lisboa, está em Guimarães, trabalha num outro espaço em Braga e está também no Porto. Acreditamos que a Snob é, sobretudo, uma ideia de partilha».

Grande parte dos pedidos que Duarte recebe vêm pela internet, sobretudo através da página do Facebook. «Chega uma novidade, coloco uma foto, e recebo encomendas. Ontem por exemplo coloquei a foto de um livro e recebi 13 encomendas. E depois negociamos como fazer o pagamento», conta. A entrega também pode ser feita por correio, pessoalmente ou por um portador. Essa relação bastante pessoal e personalizada que tem com os clientes acaba por favorecer o surgimento de uma amizade. «Acho que 80% dos meus amigos de hoje em dia vieram por meio da Snob. Por exemplo, quando vou a Guimarães organizo um jantar com pessoas que eram clientes da livraria e hoje são meus amigos, eles se conheceram graças à livraria, e hoje em dia continuam a encontrar-se. Às quarta-feiras eles se reuniam para ler teatro, das 10 da noite à uma da manhã, um grupo de 30 pessoas, às vezes vinham uns, outros dias vinham outros. Depois ficávamos a ler poesia até as três da manhã. Era uma grande confusão e uma grande alegria. E esse grémio que eles criaram na livraria continua, ainda existe».

De feira em feira

Um dos motivos pelos quais Duarte é conhecido em Portugal é a sua disponibilidade para levar a Snob pelo país. Quando há uma feira de livro, um encontro em que possa montar o seu stand, o livreiro enche a carrinha de livros e apanha a estrada. «Cada feira tem o seu foco e a sua limitação de

snob, um livreiro à moda antiga

espaço, e tentamos orientar-nos a partir disso para fazer a seleção dos livros que vamos levar. Em Viana do Castelo este ano, por exemplo, foram duas carrinhas cheias de livros porque nos deram três stands.»

Para Duarte, as feiras trazem a possibilidade não só de que mostre os seus produtos mas também de conhecer pessoas e falar de literatura. «Nós não somos meros estafetas. Se a pessoa estiver disponível há sempre uma conversa associada, uma troca de afinidades, e cria-se uma ligação. E as pessoas ficam com o nosso contato e cria-se uma semente, qualquer coisa que vai para além daquele momento», conta.

Quando surge, em 2013, a Snob só vendia livros novos. No entanto Duarte começou a responder a pedido de pessoas que andavam à procura de algum título e não o encontravam. Ele acionava a sua rede de contatos para ver se conseguia o título procurado. E assim sua fama foi crescendo. Hoje recebe telefonemas e mensagens vindas de todas partes, inclusive de fora de Portugal, com pedidos de ajuda. «Qualquer volta que eu dê pela cidade é a oportunidade de procurar um livro que alguém me pediu. Agora mesmo vim com um saco na mão, é uma encomenda de um livro esgotado que eu encontrei numa livraria ali na Graça. Estou constantemente à procura. Conheço os alfarrabistas quase todos, muitos são meus amigos. Trabalhamos em comunidade, alguns fazem-me consignação. Eu digo: vou ter uma feira onde há muita procura por poesia e primeiras edições, eles já confiam em mim e fazem consignação.»

Recentemente Duarte conseguiu concretizar uma ideia antiga: editar livros. O primeiro foi uma antologia de contos do cubano Virgílio Piñer que saiu com o selo da Edições Livraria SNOB — numa coleção chamada Pedante e que já tem dois títulos (e terá mais em breve). A escolha do livro, a sua divulgação e comercialização estão em sintonia com o modo como o livreiro vem trabalhando. É feito em parceria com outras pessoas e a rede de amigos e clientes é o grande consumidor do produto, ao mesmo tempo que ajuda a torná-lo mais conhecido. «Dá muito trabalho tudo isso. Eu trabalho 24 horas por dia, mas não poderia fazer outra coisa», resume o livreiro.

A CASA DA ANDRÉA

OS DONOS DA RUA

ANDRÉA ZAMORANO

Há

quase dois anos regressei ao Rio de Janeiro para cumprir um sonho de muitos, juntar-me aos milhões de foliões que chegam de várias partes do país e do mundo para celebrar o carnaval mais bonito do planeta. Perdoem-me o bairrismo pacóvio mas desde que deixei o Brasil no início dos anos noventa nunca mais havia «pulado carnaval» – é assim que dizemos por lá.

E o Carnaval havia se transformado. Deixou de estar apenas na Marquês Sapucaí com o desfile das escolas de sambas e nos salões dos clubes da cidade para regressar às ruas nas suas mais diversas manifestações. Desde blocos – espécie de agremiações – superorganizados onde há ensaios, coreografias e canta-se em inglês inclusive; aos clássicos «blocos de sujos», onde grupos de conhecidos e desconhecidos se juntam, com fantasias ou sem, espontaneamente começam a tocar e mais e mais pessoas que passam vão se juntando à festa. O carnaval era de novo do povo.

Estava felicíssima em Copacabana, precisamente na Avenida Atlântica, no aquecimento de um bloco, à espera de que arrancasse. O que poderia desejar mais? Quando avisto ao longe dois rapazes com fantasias muito elaboradas, vou na sua direção para tentar tirar uma foto. No percurso, que não levava mais do que quinze metros do lugar onde estava, continuo a andar

sempre com a cabeça levantada, é difícil caminhar, há dezenas de pessoas à minha volta, não os quero perder de vista. Eis que tenho de passar entre dois carros estacionados, o meu olhar se desvia um pouco mais para baixo, portanto vejo um homem alto, talvez com mais de um metro e oitenta, espremido numa camiseta amarela que contrastava com a sua pele bronzeada onde a palavra segurança escrita num laranja bem visível saltava no seu peitoral farto. Envergava também um sungão – vestimenta masculina de praia que é um meio-termo entre calções de natação e de futebol dos jogadores da década 70 só que mais curto – o toque final, uns óculos Ray-Ban modelo aviador. Depois da minha descrição, poderia até pensar que me tinha deparado com uma espécie de Adonis tropical só que infelizmente toda essa beleza em forma de vigor estava concentrada em parar um menino de não mais que dez anos de idade, andrajoso, magrinho e que claramente vivia nas ruas.

Quando o meu olhar se desviou, me deparei com o tal galã do calçadão a torcer o braço do garoto para trás até à sua mão surgir por cima do seu ombro esquerdo, vi-o empurrar a sua cabeça contra um dos carros e espremer o seu rosto no vidro da janela, depois jogar o menino no chão com toda a força e levantar a perna.

A intensidade daquela covardia não demorou mais do que uns trinta segundos, o tempo que o meu cérebro tardou a desbloquear para o que estava acontecendo. Quando o segurança levantou a perna, compreendi que ele pisaria o menino. Usaria toda a sua força para o esmagar como se fosse uma barata, um inseto, um ser insignificante que não merecia estar ali, naquele local. Então saltei para frente e gritei: «Você não tem o direito!»

Sem me importar com o seu tamanho, nem com as pessoas espedadas à volta que nada faziam, à medida que me aproximava, fui repetindo a frase em loop numa espécie de transe. E tantas vezes disse que ao fim de algum tempo, ele me indagou: «Não tenho o direito?» E agarrou-o outra vez, só que agora no antebraço, torcendo com as duas manámulas, uma em cada direção, a pele do garoto até queimar. O menino se contorcia e chorava.

Tão implacável quanto a força que exercia sobre o garoto, digo-lhe sem hesitações que o largue, que chame a polícia se acaso tivesse cometido algum crime. Ele mantinha-o escudado para trás do seu corpanzil sem nunca o largar, sem que eu pudesse chegar ao menino. Materializando com o seu corpo o muro de preconceitos que aquela sociedade lhe pagava para defender.

Vejo naquela altura surgir por trás dele um segundo segurança que começa a libertar o braço do menino das suas mãos. Não sei porque o fez mas, aos poucos, o outro vai cedendo aos seus esforços. Contrariado, vociferava coisas incompreensíveis como se soubesse que não poderia levar avante aquela batalha. Acreditei então que as palavras, ainda que só daquela vez, tivessem sido mais fortes do que a brutalidade.

Tive medo de que mais alguém tentasse atacar o garoto, que o linchassem. Disse-lhe que fugisse dali rápido, ele assim o fez não sem antes me dizer que precisava pegar os seus chinelos. Na altura insisti que deixasse os chinelos para trás e corresse. Só depois pensei que provavelmente aquele era o seu único bem e que o asfalto é muito quente no verão do Rio de Janeiro. Ele se abaixou, pegou os chinelos e fugiu.

Virei costas para o segurança e à minha volta, as pessoas que assistiram ao ocorrido me insultavam com ameaças. Argumentando que quando o garoto um dia me enfiasse um caco de vidro no abdómen, então eu já não sentiria mais pena; que quando ele matasse um dos meus filhos para roubar uma bicicleta, entenderia que não se pode defender aquela gente; que se eu gostava daqueles merdas, que os levasse para a minha casa. Para aquelas pessoas, o errado não era um adulto agredir uma criança, não era sequer existirem crianças de rua, era essas crianças estarem ali, perto deles, na mesma calçada, dividindo o mesmo espaço. Isso não se poderia tolerar. Ele eram os donos da rua. Na sua visão, eu tinha o privilégio de ser parte daquele grupo e desperdiçava a oportunidade defendendo o que eles consideravam ser um bandido. Era uma traidora, merecia que toda sorte de males me acontecessem.

Estamos quase no natal, daqui a dois meses estaremos outra vez noutro carnaval, ainda hoje me pergunto onde andará aquele menino? Que dor terá sentido no braço maltratado pela força da discriminação e do racismo exercidos contra o seu corpo franzino de criança? Quem cuidou dele, quem tratou as suas feridas, quem curou a sua dignidade? E o Carnaval, infelizmente, deixou de ser o mais lindo do planeta.



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

Andreia Brites



It's a
book

A livraria It's a book completou o primeiro ano de existência em Novembro passado. O espaço é pequeno, sob o comprido e muito branco. Fica na Rua do Forno do Tijolo, entre o Bairro das Colónias e o bairro dos Anjos em Lisboa. A *Blimunda* foi visitá-la e conversou com Joana Silva uma das fundadoras do espaço e da ideia.

Uma livraria num bairro do mundo **it's a book**

Já tínhamos combinado o encontro por Facebook. Quando entrámos, Joana estava ao computador, no fundo da livraria. Puxou de um banco junto à mesa central e ofereceu-nos o lugar. «Podemos conversar à vontade. Só tenho de interromper se entrar alguém.» Eram sensivelmente 15h00 de um dia de semana. Enquanto estávamos à conversa entrou uma senhora que não queria nenhuma ajuda e se deteve aqui e ali, folheando livros. Depois, um casal que procurava um título específico de Blexbolex e que não existia. Joana mostrou aos dois *Romance*, do mesmo autor. Mas o melhor estava para vir. Pouco antes de sairmos chegou uma senhora bastante decidida que procurava livros para crianças. «Mas é só uma coisinha, uma lembrança.» Uma tinha quatro, a outra seis. Joana foi acompanhando e sugerindo: livros para colorir da colecção Hihhi, *Montanhas*, de Madalena Matoso, *Dias Felizes*, de Laurent Moreau. A senhora fazia comentários sobre a adequação às crianças que conhecia, se era demasiado complexo ou potencialmente fácil. Até podia ser em inglês. Claro, o preço também tinha de ser levado em conta. Depois, na caixa, deparou-se com alguns cadernos da Serrote e ficou entusiasmada. Talvez fosse uma boa opção. A senhora movimentava-se com à vontade e familiaridade. A páginas tantas resolveu protelar a decisão: «Está bem. Depois volto cá. Agora tenho de ir buscar o meu neto à escola.» Despediu-se com simpatia e saiu.

O que vimos comprovou o que Joana nos explicara momentos antes: a livraria estabeleceu uma relação com a comunidade do bairro, que ali entra com a mesma naturalidade que nas outras lojas, sejam cafés, lojas de







roupa ou drogarias. Todo o tipo de pessoas ali vai e muitas reconhecem a especificidade da livraria que está longe de oferecer a diversidade de títulos que se encontra noutros espaços. Por isso mesmo quem não é especialista em ilustração, livros de artista ou técnicas de impressão não tem medo de perguntar. Alguns professores de primeiro ciclo das escolas mais próximas também são clientes da It's a book e passam para comprar e ver o que não vêem facilmente noutras livrarias. E há ainda uma comunidade especializada que obviamente frequenta a It's a book. Essa ultrapassa, inevitavelmente, as fronteiras do bairro. Contudo, a geografia não é aqui fruto do acaso. Joana e António queriam que a sua livraria morasse ali, na encosta que desce da Penha de França para os Anjos. De um lado o Bairro das Colónias, do outro os Anjos com tantas Marias na toponímia. A razão é simples: é o bairro onde vivem, onde gostam de viver, e cuja transformação têm acompanhado com entusiasmo. Joana acrescenta: «Sempre quisemos ter o projecto neste bairro. É um bairro cheio de potencial. Há imensas famílias jovens, imensas pessoas ligadas à área criativa e ao mesmo tempo é uma zona multicultural e isso torna o bairro muito mais interessante e em crescimento, onde nascem cada vez mais projectos criativos.»

Mas à pergunta se conseguiam antecipar qual seria o público da livraria Joana responde que tinham uma ideia, mas não conseguiam prever tudo: «Sabíamos o que queríamos, sabíamos do que gostávamos e o que queríamos tornar disponível mas não sabíamos quem era o público. Imaginávamos que os artistas, os criativos e principalmente as pessoas do meio da ilustração iam ser o público alvo. Mas por outro lado não sabíamos como é que as avós, as tias, as prendas de natal... iam encaixar nisto tudo. Foi uma descoberta e ao mesmo tempo uma surpresa. Por exemplo, temos muitos livros em italiano porque há imensos livros incríveis de editoras italianas, nomeadamente da Corraini, e não sabíamos sequer que havia uma grande comunidade de italianos neste bairro. Foi uma grande coincidência!»

it's a book

Curadoria de livros

A expressão surgiu a propósito da identidade do projecto, do conceito que lhe deu origem. «É uma forma de dizer que fazemos uma selecção, e essa selecção é de duas pessoas com determinados critérios. Escolhemos livro a livro, e escolhemo-lo enquanto objecto, tendo em conta a ilustração, o papel, e a forma como, enquanto objecto, foi pensado. Quando encontramos uma editora com que nos identificamos vemos o catálogo e escolhemos um a um. Todos os livros que aqui estão foram escolhidos assim. Há editoras de que podemos ter dez títulos e outras de que só nos interessa um.»

Não é por isso aleatório que os livros não estejam arrumados em prateleiras com as lombadas para fora, bem encostadinhos para caber mais um. Também não há estantes a cobrir as paredes. Há prateleiras que deixam as capas respirar, bem de frente para quem circula. Não há uma organização evidente, nem por editoras, nem por autores. Há livros e todos os que existem em stock estão expostos. Se cada um é um objecto de arte, são muitos. Em comparação com outras livrarias, a oferta é muito inferior. O que salta à vista, todavia, é muito apelativo. O que pode chamar a atenção numa mostra, aqui encontra-se nas duas paredes e na mesa central. Em comparação, é muito mais. Há muitos livros que se conseguem ver, que se podem tocar, folhear a partir dessa primeira impressão que é a capa, a dimensão, o objecto. O que se mostra aqui, e é tudo o que existe, é o produto da curadoria que avalia livro a livro.

Não será estranho que mesmo as editoras portuguesas com quem a It's a book trabalha (Planeta Tangerina, Bruaá, Orfeu Negro, Pato Lógico, Máquina de Voar) não tenham todo o seu catálogo ali. E as médias e grandes não entram. Não se encontram livros da Caminho, da Livros Horizonte, sequer da Kalandraka. Quando perguntamos se isso não prejudica a livraria de um ponto de vista comercial, Joana não valoriza. «Às vezes há pessoas que vêm à procura de um livro específico, embora esse não seja bem o nosso cliente. Temos o cliente que percebe qual é o projecto e vem à procura de coisas diferentes e novas, depois temos a avó aqui do bairro que vem à procura de uma

it's a book







it's a book

prenda para o neto e, embora não saiba que esta é uma livraria diferente, acaba por encontrar um livro. Mesmo quando as pessoas vêm à procura de um livro de uma editora que não temos, acabam por encontrar alguma coisa de que gostam. Curiosamente, alguns clientes que vêm com a ideia fixa de comprarem um livro em português acabam por se apaixonar por outro em francês e de repente a língua deixa de ser uma barreira tão grande porque de facto ficaram maravilhados com o objecto, ou porque o livro é um pop up, ou é um livro para crianças muito pequeninas e é muito interactivo.»

Escolhem os livros com critérios apertados e pesquisam bastante. Mas é algo quase natural. Seguem autores que lhes interessam e dos autores chegam a novas editoras e a novos autores. E vão, como não poderia deixar de ser, à Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha. Depois há os incondicionais. Munari, por exemplo. Na livraria também há livros de Katsumi Komagata, que há quinze anos era impossível encontrar por cá. Joana destaca, como editoras de referência, a italiana Corraini e as francesas Les Grandes Personnes e as Éditions du Libre. Passando os olhos pelos livros, ainda se reconhecem editoras como a Flying Eye, a Helium ou a Libros del Zorro Rojo.

Com os autores portugueses o contacto é mais fácil, seja porque Joana e António já os conheciam, seja porque os próprios autores os procuram. Catarina Gomes, Carolina Celas e Paul Hardman são alguns dos autores com livros na It's a book. «Da Joana Estrela estamos à espera. Já tivemos.» A revista *Triciclo* também consta do catálogo, assim como as edições Serrote.

Da origem ao futuro: livraria, oficina, site e edição

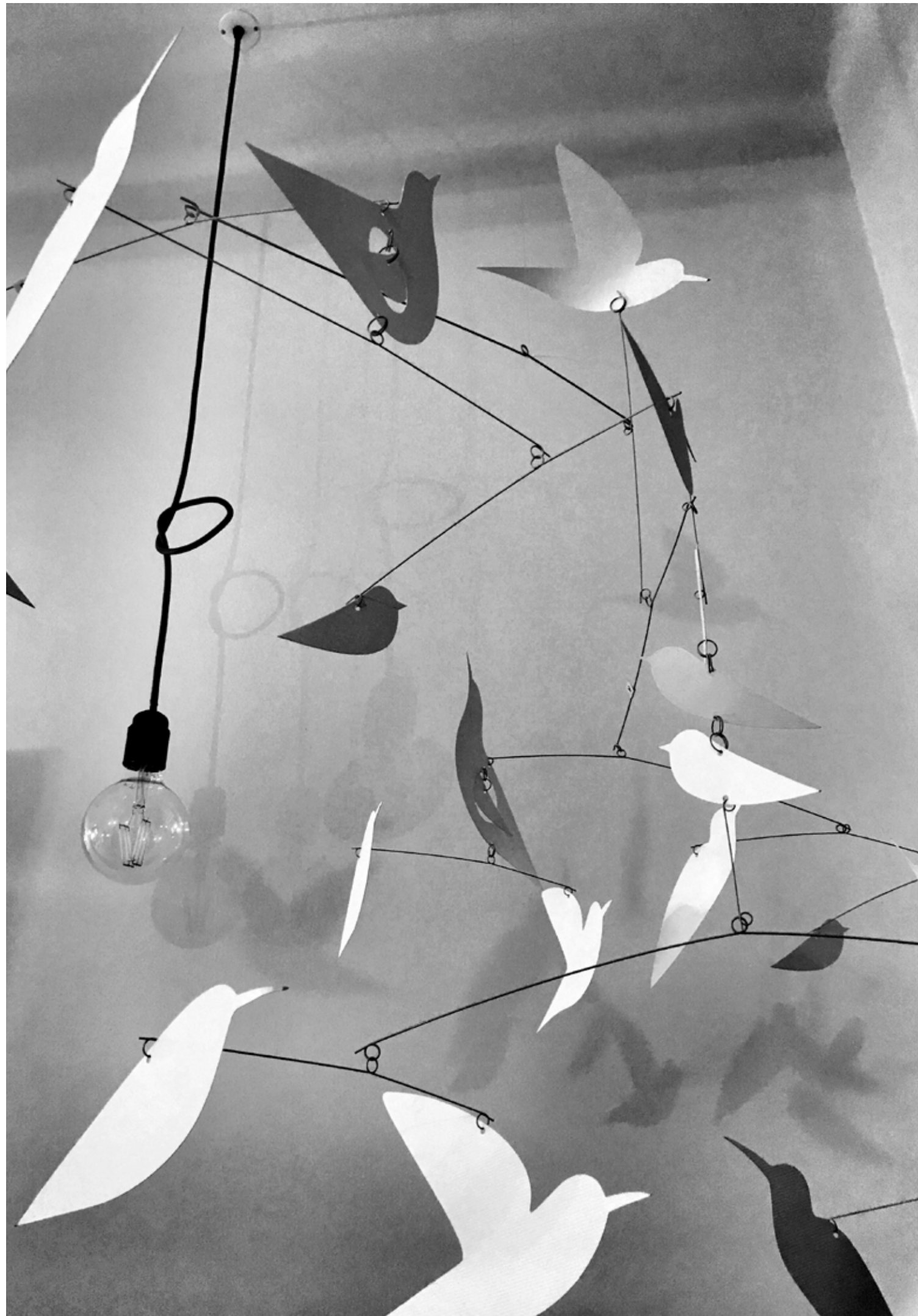
«Eu e o António queríamos ter um projecto em comum e que tivesse a ver com livros. Eu estou ligada às artes plásticas e trabalhava com livros de autor no meu próprio trabalho e tinha alguma ligação com livros de artista. A relação que eu tinha com o António tinha a ver com os livros infantis, sempre gostámos muito de livros infantis, os dois. Sempre que viajávamos comprávamos livros infantis, sempre foi um interesse dos dois... Então a ideia foi surgindo. Por que não ter uma livraria específica de livros infantis onde a língua não seja uma barreira? Trazer os livros que conseguirmos encontrar

e que nos interessem; ter uma livraria que obedeça a uma certa curadoria. «E assim foi, nasceu a livraria e a curadoria a partir da experiência nas artes plásticas. Por isso, o projecto ficaria incompleto sem uma componente criativa e plástica. A livraria e a sua programação de oficinas fazem parte da mesma identidade e são igualmente importantes na It's a book. Apesar das limitações de espaço, a mesa comprida no centro está lá a pensar nessa dupla função, de mostrar livros e de servir de mesa de trabalho. Aos sábados, não todos mas na sua grande maioria há oficinas em que o livro e a ilustração estão no centro. Podem ser dedicadas ao pop-up, à colagem, ao carimbo, à narrativa visual, à construção de um mini livro, ao fanzine, a conceber jogos de tabuleiro. As tradicionais horas do conto, dedicadas à palavra, são substituídas pelas artes plásticas que não invalidam as narrativas, as enumerações, a valorização de elementos simbólicos ou a exploração dos sentidos e das experiências do quotidiano.

it's a book

«Sempre pensámos num espaço comercial para vender livros mas num espaço que também estivesse relacionado com o fazer porque a nós nos interessa muito essa ideia. O António já tinha a experiência de trabalhar com crianças no contexto dos museus, portanto era uma coisa que queríamos muito ter no projecto.» Os nomes dos convidados reiteram a linha da programação que se destina a crianças mas também a adultos. André Pimenta dedica-se a oficinas sobre pop-up, área em que é especialista, coleccionador e autor. Joana Estrela, Maria Remédio, Catarina Sobral, Yara Kono, Teresa Cortez vêm do universo da ilustração, e não só. Entre todas há animação, curadoria, edição. As escolhas refletem o catálogo assim como as exposições de ilustração nas paredes. E vem gente de todo o lado. Já aconteceu virem adultos de Castelo Branco para uma oficina com adultos da Catarina Sobral. E, claro, vêm pessoas do bairro que marcam presença com alguma regularidade, outras que ouvem falar. O público das oficinas tem um padrão semelhante ao do que ali vai comprar livros.

Quando falamos em balanço, Joana mostra-se muito feliz. Apesar de o espaço ser pequeno, é aquele que querem e não sentem necessidade de o ampliar. Não porque sobre espaço para os livros, mas porque se sentiam bem ali e tudo se cumpre como planearam. Também o facto de serem uma





IT'S A
BOOK

www.itsabook.pt

livraria de nicho os ajuda a sobreviver. Há adultos que vão à It's a book comprar livros para si. «Há pessoas que colecionam livros infantis. Isso sim é um nicho. Mas é um nicho que se concilia com um lado muito comercial ao mesmo tempo. É também aí que está o porquê de esta livraria ser um nicho mas ao mesmo tempo funcionar.» Não estão por isso com a corda ao pescoço e decidiram avançar para uma nova fase: o site que possibilitará a venda online. Neste caso, por exemplo, será uma montra preciosa de livros estrangeiros e de edições muito limitadas ou mesmo edições de autor que existem fisicamente na livraria e que passarão a estar acessíveis a qualquer pessoa. «É uma outra componente do projecto que pretende abrir portas e sair um bocadinho do Bairro das Colónias. Qualquer pessoa em qualquer parte do mundo poderá ver a nossa curadoria de livros e comprar.» Mas o grande desafio para o próximo ano é outro: «Começamos a ter um desejo muito grande de fazer os nossos próprios livros. Tentar perceber que faltas é que existem no mercado também e o que podíamos trazer de novo com essa possibilidade de editar. É uma ideia para começar a pensar.» Joana não concretiza.

Antes de sairmos, acabamos por seguir o exemplo de outros clientes e compramos dois livros. Joana mostra-nos então Hello Tomatto! Das Éditions du Livre. É um livro de artista para crianças. Fascinante na sua simplicidade e infinitas possibilidades: um harmónio com cores diferentes sobre as quais se colocam formas de frutas e legumes. A ideia é encontrar a cor correcta mas nada impede de fazermos ao contrário. Aí está algo que não existe editado cá: livros de artista para crianças. Em compensação, a curadoria da It's a book oferece ao leitor e ao artista bons exemplos do que isso pode ser.

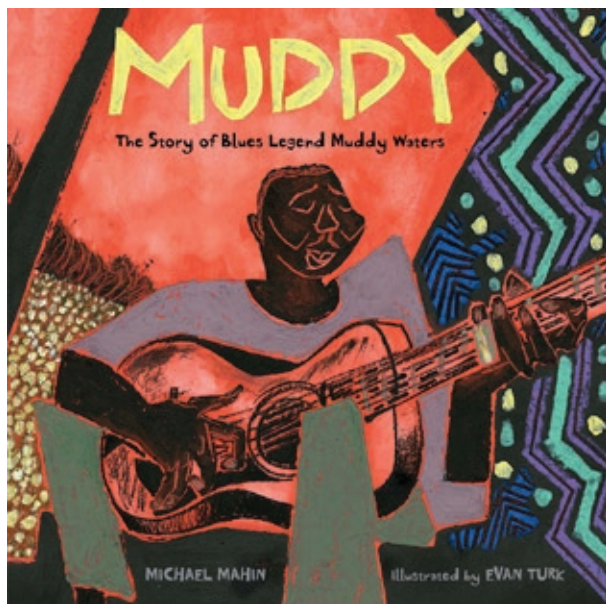
it's a book

and the winner is...

The best illustrated children's books of 2017

Pela primeira vez desde há 65 anos o jornal *New York Times* não escolhe sozinho. A seleção dos melhores álbuns e livros ilustrados para crianças de 2017 coube também à New York Public Library que nomeou um elemento da sua equipa para o júri. Entre os dez títulos escolhidos, os temas variam entre relatos sobre episódios reais, experiências poéticas e existenciais, biografias, conflitos sociais e familiares, paisagens reais e imaginárias. Já a ilustração, o elemento de destaque para a avaliação do júri, recorre a técnicas muito distintas, do acrílico ao digital, da colagem ao guache, da aguarela ao lápis de cor, como se pode confirmar no site do jornal.





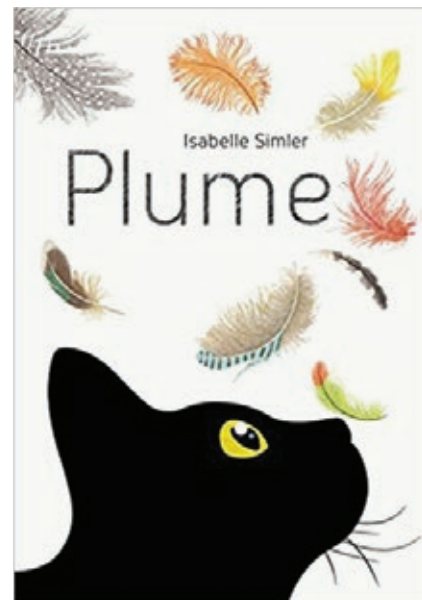
Muddy: The Story of Blues Legend Muddy Waters
Michael Mahin e Evan Turk



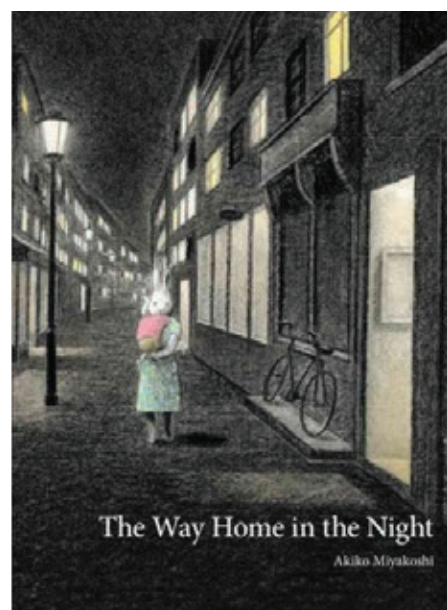
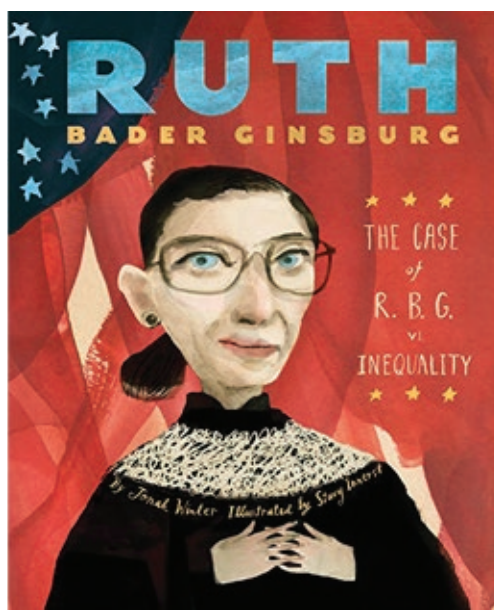
Frida Kahlo and Her Animalitos
Monica Brown e John Parra



On a Magical Do-Nothing Day
Beatrice Alemagna

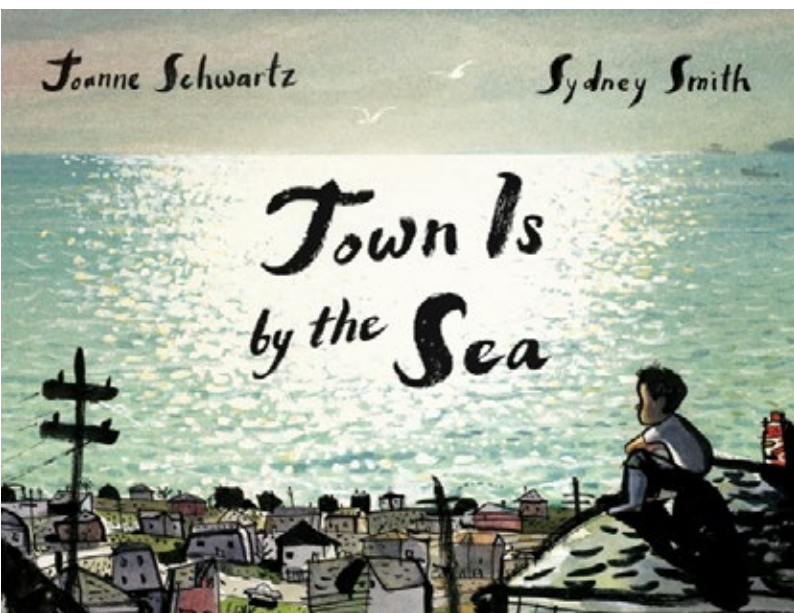


Plume
Isabelle Simler



**Ruth Bader Ginsburg: The Case
of R.B.G. vs. Inequality**
Jonah Winter e Stacy Innerst

The Way Home in the Night
Akiko Miyakoshi



Town Is By the Sea
Joanne Schwartz e Sydney Smith



A River
Marc Martin



King of the Sky
Nicola Davies e Laura Carlin



Feather
Rémi Courgeon

espelho meu

ANDREIA BRITES

O JOÃO E OS MONSTROS

**Antônio Gouveia
Beatrice Cerocchi
Bruaá**



Pela ilustração da capa ficamos logo com a ideia de que o susto não deve ser muito doloroso. Os olhos salientes numas antenas que espreitam debaixo da cama do menino que espreita não parecem nada ameaçadores. A predominância do azul e do cinza de tons suaves e claros também não pende para a invisibilidade do escuro. Mas uma capa pode enganar...

Nas guardas, as listas do edredão do João remetem para o sono. E logo na primeira página dupla, a referência à noite e ao deitar confirmam-no. Ao invés, depois de alguma hesitação na contagem, a página finda-se sem que o leitor saiba que seriam estas 4 coisas que estariam à espera que o João se fosse deitar. Mas o leitor não precisa de ser muito atento, basta ter lido ou ouvido o título do livro para induzir novamente que serão monstros.

A página seguinte volta a confirmar. Olhos, patas, dentes, garras, espinhaços! Um preto, é certo. Os outros três, daquilo que é permitido alcançar, são azuis, cinzentos, amarelos. Novo desafio se apresenta no texto: o que acontecerá assim que o João se deitar?

A partir daqui arranca verdadeiramente o jogo com o leitor que tenta seguir as referências que tem, e as pistas aparentemente enganadoras da ilustração e do texto. A narrativa surpreende sem se arrojar por caminhos híbridos, filosóficos ou oníricos. E não defrauda precisamente por isso, pela simplicidade da coerência. Cria expectativa pela repetição do texto e oferece perspectivas espaciais complementares sobre a porta do quarto do João, vista de baixo, de dentro do quarto, de fora. Em todas elas, um ou outro elemento recupera imagens do universo do mistério, do suspense, do terror: uma sombra ampliada, uma cortina esvoaçante. E, aqui e ali,

An illustration of a man with a large, bushy brown beard and a surprised expression, peeking over a red wall. His hands are visible on top of the wall. The background is dark brown with vertical black lines. The word "BUU!" is written in large, white, stylized letters on the red wall.

BUU!

PREGOU UM GRANDE SUSTO ÀS MULHERES.
Um susto de mistar malícia com...

um monstro desenhado ou um monstro boneco. O detalhe de alguns objectos ou padrões assinalam continuidades e mudanças, até apontamentos de humor, como acontece com as figuras retratadas nas molduras da parede no corredor. Depois de uma fase de repetição, há o primeiro *twist*, quando uma pausa era tudo o que não se esperava. Em seguida, começam finalmente a esclarecer-se os papéis dos protagonistas: o João e os monstros, com o clímax a acontecer mesmo na antepenúltima página dupla.

Este álbum é um exemplo do paradigma dialogante entre texto, ilustração e design. Se a narrativa não fosse criteriosamente disposta de forma entrecortada entre a antecipação da acção e a sua concretização, o efeito do suspense não se cumpriria. Da mesma forma, se a opção de paginação fosse a de criar autonomia diegética, textual e de ilustração, entre as páginas ímpares e pares, o efeito seria muito menos intenso. A relação física com o objecto, que obriga a virar a página em vez de movimentar o olho, faz muita diferença.

À primeira vista, *João e os Monstros* é apenas um álbum divertido. Contudo, esta aparente simplicidade que flui resulta de um apurado trabalho de ritmos e sentidos cruzados.

FRIDA

**Sébastien Perez
Benjamin Lacombe
Kalandraka**



Não é um álbum. Não é um livro de recepção infantil. *Frida* é um livro de artista em que Benjamin Lacombe dialoga com a arte da pintora mexicana através da sua própria obra. Das cores ao folclore, dos símbolos biográficos ao contexto espacial, cada momento desta biografia recontada por Sébastien Perez remete para Frida Khalo. A complementaridade entre texto e imagem nasce na mesma fonte, pois também o escritor recupera frases deste ícone incontornável da primeira metade do século XX.

A dor, a força, o poder sensorial, a ironia, a inultrapassável e omnipresente tragédia atravessam todo o livro, ao longo dos capítulos temáticos que traçam aqui a história da vida e da arte de Frida como uma só. Uma Frida múltipla, que revela e esconde, e se esconde também segundo o olhar de Lacombe, que a expõe lentamente e sempre em mudança, através da sobreposição de páginas recortadas que configuram três imagens para cada tópico: a medicina, a terra, a fauna, o amor, a maternidade, a coluna partida, a posteridade. A cadência vai da exuberância de cor, flores, padrões que iluminam a mulher ao seu esqueleto, ao seu limite, ao seu mais fundo, seja isso alma, seja isso terra, seja isso nada. Assim acontece para todos os tópicos menos dois. O primeiro, um preâmbulo que representa uma metamorfose, amplia o rosto da jovem Frida, sem vida, enquanto outro nasce, o de Frida Khalo que, com as borboletas, sobreviverá ao Acidente. O outro tópico que não é interpretado com recorte é o da Morte. Estando ela presente em todo o livro com caveiras, esqueletos, ossos expostos, próteses, órgãos vitais, tanto quanto a vida, não parece precisar de vários níveis narrativos. A morte é ritual na cultura mexicana, como em todas, mas é ritual de exuberância colectiva. Nesta pintura, Lacombe revela em conjunto alguns dos elementos que encaixa em autoretratos da pintora, nos seus universos bucólicos ou oníricos. Na página dupla seguinte,

A MATERNIDADE

O objeto do meu amor é um monstro, esta coisa
monstruosa.

Imagino-me a mim mesma a ser grávida.
Eu não consigo imaginar a mim mesma a ser grávida. Eu não
quero que a minha vida seja uma coisa assim, eu não
quero que a minha vida seja uma coisa assim.

Para a luz do mundo, eu sou uma mulher grávida.
Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.
Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.
Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.

Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.
Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.
Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.
Eu sou uma mulher grávida. Eu sou uma mulher grávida.



nada mais simples: dois caixões e dois corpos lado a lado, ambos com o coração fora do corpo. Frida e Rivera. De todos os tópicos será porventura o que menos se embrenha pela individualidade ou singularidade de Frida e a coloca rodeada de outros que, podendo ser apenas espectros, são alguém em festa ou em vestígio, ou ambas as coisas.

Todas as figurações tomam quadros de Frida como modelos a interpretar e recriar e a força do livro reside precisamente nessa selecção, nessa nova ordem que exacerba a sensualidade e a sensorialidade de cada retrato. A sua voz está presente na escala das imagens, no processo de desvendar para além da superfície, e o texto confere-lhe densidade, a densidade da imagem posta em palavra, seja com citações de Frida, seja com testemunhos da personagem que o livro faz nascer.

Porque não nos enganemos: esta é uma personagem a partir daquela mulher que existiu.

No final todos os mistérios se esclarecem quando os autores assumem motivos e modos de criar esta obra. Mas apenas no final, depois de cada leitor poder, sem ser violada a sua subjectividade, fruir da leitura. Lacombe explica então o sentido dos nove temas escolhidos e a simbologia do número nove para os Astecas. A sua influência não é única nesta paleta. Também há referências maias, ao budismo, ao taoísmo, a outros cultos pré-colombianos. Quadro a quadro, tópico a tópico, o texto vai objectivando. E se, por um lado, o conhecimento sobre a obra da pintora e a relação de testemunho ou de confissão se erigem, nada apaga essa experiência que será única e livre para cada um, a da leitura do livro antes de qualquer explicação.

garcía
márquez
e José Sa-
ramago
unidos por

saramaguiana

pamuk

Neste mês de novembro o Harry Ranson Center, da Universidade de Austin (Texas), disponibilizou on-line milhares de documentos pertencentes a **Gabriel García Márquez**. Em 2014, a instituição adquiriu o arquivo do Prémio Nobel colombiano com o compromisso de torná-lo acessível. Entre os mais de 27 mil documentos – originais de obras, cadernos de notas, agendas, fotos, cartas etc – está um manifesto assinado pelo autor de *Cem Anos de Solidão* em defesa de **Orhan Pamuk**. Segundo o material tornado público, García Márquez recebeu no dia 13 de outubro de 2005 um fax do editor Basílio Baltasar com o manifesto que José Saramago e Juan Goytisolo haviam escrito a favor do escritor turco que estava a ser julgado em Istambul por umas declarações que dera numa entrevista. No mesmo dia em que recebeu a mensagem García Márquez assinou o documento e reencaminhou-o a Basílio Baltasar, que

após recolher mais assinaturas enviou aos meios de comunicação. A pressão internacional surtiu efeito e no princípio do ano de 2006 a causa envolvendo Pamuk foi arquivada sem ser julgada.

MANIFESTO DE SOLIDARIEDADE COM PAMUK

O escritor turco Orhan Pamuk pode ser condenado a uma pena de 6 meses a 3 anos de prisão se prospera uma queixa apresentada pelo Ministério Público do Distrito de Sisli (Istambul) na qual é acusado de ter "ultrajado deliberadamente a identidade turca e, por tanto, de ter violado a lei". Segundo as últimas notícias o processo judicial terá início a 16 de dezembro.

Pamuk, que recebeu no dia 23 de outubro o Prémio da Paz da Feira do Livro de Frankfurt, criticou, numa entrevista publicada no passado 6 de fevereiro, a política

do governo turco em relação às minorias que vivem no seu país, e fez referência à matança de arménios perpetrada pelo Império Otomano durante a Primeira Guerra Mundial.

Independentemente do facto de se houve ou não vontade genocida por parte das autoridades otomanas, o comentário de Pamuk sobre acontecimentos históricos não pode constituir qualquer delito. Ainda que o atual governo turco se esforce por avançar na democratização das suas leis com visto à entrada na União Europeia, o julgamento, por parte do Tribunal de Delitos Graves de Istambul, contra o grande escritor, representaria um passo atrás com gravíssimas consequências.

Os abaixo assinados condenam o chamado «delito de opinião», declaram solidariedade com Orhan Pamuk e exigem que as medidas processuais em andamento, totalmente incompatíveis com o Estado de Direito, cessem.

Assinam:

Umberto Eco

Carlos Fuentes

Gabriel García

Márquez

Juan Goytisolo

Günter Grass

José Saramago

John Updike

Mario Vargas Llosa

91524181P

OFICINA DEL AUTOR

003:003

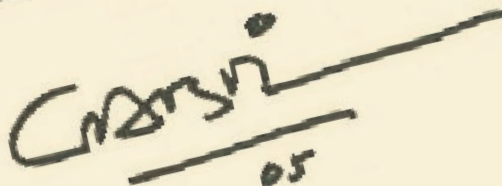
Octubre de 2005

El escritor turco Orhan Pamuk puede ser condenado de 6 meses a 3 años de cárcel si prospera una demanda presentada por la fiscalía del distrito de Sisli (Estambul), en la que se le acusa de haber "ultrajado deliberadamente a la identidad turca y, por tanto, de haber violado la ley. Según las últimas noticias, el proceso judicial se iniciará el 16 de diciembre.

Pamuk, que recibirá el 23 de octubre el Premio de la Paz de la Feria del Libro de Frankfurt, criticó en una entrevista publicada el pasado 6 de febrero la política del gobierno turco con las minorías que viven en su país, y se refirió a la matanza de armenios sublevados contra el Imperio otomano durante la Primera Guerra Mundial.

Independientemente del hecho de si hubo o no una voluntad genocida por parte de las autoridades otomanas, el comentario de Pamuk sobre acontecimientos históricos no puede constituir delito alguno. Aunque el actual gobierno turco se esfuerza en avanzar en la democratización de sus leyes con miras a su entrada en la Unión Europea, un juicio contra el gran escritor por parte del Tribunal de Delitos Graves de Estambul representaría un paso atrás de gravísimas consecuencias.

Los abajo firmantes condenan el llamado delito de opinión, declaran su solidaridad con Orhan Pamuk y exigen el cese de las medidas procesales en marcha, totalmente incompatibles con el Estado de Derecho.


05

Um euro.

Casa Fernando Pessoa Fundação José Saramago

Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



EGEAC

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



dezembro



ATÉ
31
DEZ

A Minha Casa Não Tem Dentro

Exposição de ilustrações do livro homónimo de António Jorge Gonçalves, publicado pela Abysmo.
Leiria, Galeria/Livraria Arquivo.



ATÉ
7
JAN

Tiago Madaleno

Exposição do trabalho do fotógrafo vencedor da edição de 2017 do Prémio Novo Banco Revelação.
Porto, Museu de Serralves.



dezembro

ATÉ
18
JAN

Le Corbusier

Exposição que reúne parte da obra gráfica e pictórica de Le Corbusier, arquiteto cuja obra dialogou fortemente com várias outras disciplinas artísticas. Barcelona, Galeria Marc Domenech.



ATÉ
31
JAN

Prémios Nobel da Literatura Ibero-Americana

Exposição bibliográfica dedicada aos doze prémios Nobel da Literatura ibero-americanos, no âmbito da programação da Lisboa Capital Ibero-Americana da Cultura 2017. Lisboa, Biblioteca Nacional.



ATÉ
4
FEV

Punk 40 Años

Exposição que assinala as quatro décadas do movimento punk com contribuições de vários artistas e exibição de discos, fanzines, fotografias de bandas e memorabilia. Madrid, La Fiambrera Art Gallery.



dezembro

ATÉ
5
FEV

Secrets to Tell

Instalação/vídeo de Grada Kilomba, a inaugurar o espaço do Project Room do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia.
Lisboa, MAAT.



ATÉ
25
FEV

A União Soviética Através da Câmera

Exposição de fotografias de Vladimir Lagrange, Leonid Lazarev, Vladimir Bogdanov, Yuri Krivonosov, Victor Akhlomov e Antanas Sutkus. Rio de Janeiro, Paço Imperial.



VLADIMIR BOGDANOV

dezembro



ATÉ
6
JAN

Mão Morta – 25 anos Mutantes S21

Os Mão Morta sobem ao palco do Theatro Circo, celebrando meio quarto de século sobre a publicação de um dos discos mais emblemáticos da banda. Braga, Theatro Circo.



12
JAN

Global Complexity

Espectáculo/instalação de Amine Asselman baseado no desenho digital e no vídeo, onde o artista propõe uma reflexão sobre a globalização e as fronteiras políticas. Santiago de Compostela, Zona C.



13
JAN

Cândida ou o Pessimismo

Cucha Carvalheiro sobre ao palco para interpretar uma personagem que recolhe e transmite fragmentos das vidas de várias outras personagens. Um espetáculo da Escola de Mulheres.Tondela, ACERT.



Queríamos agradecer-vos, uma vez mais, tudo quanto de belo e de bom recebemos do vosso carinho durante esses inesquecíveis dias [...] desejamos que haja mais ocasiões para estarmos juntos e partilhar do manjar supremo que é a amizade.

José Saramago

Excerto de uma carta a Jorge Amado, in *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*